

No octogésimo aniversário de Dom António Ferreira Gomes

Entendeu a direcção do I.C.H.T. e da «Humanística e Teologia» dever assinalar, com este número especial, o octogésimo aniversário, que ocorreu em 10 de Maio do presente ano, do Senhor Dom António Ferreira Gomes, Bispo resignatário do Porto e fundador e impulsionador de um e de outra.

O seu magistério e ministério episcopais, que exerceram uma influência profunda na Igreja e na sociedade portuguesa dos últimos decénios, têm um carácter exemplar e paradigmático que merece ser realçado e comentado.

As palavras que proferiu a respeito de Paulo VI, na comemoração do 12.º aniversário da sua coroação, na Sé Catedral do Porto, em 29 de Junho de 1975, podem bem ser-lhe aplicadas também: «Se nos propuséssemos uma distinção entre os homens, à base da valoração qualitativa das suas vidas, talvez, pudéssemos dividir a humanidade de cada tempo entre homens significativos e homens insignificantes. Homens significativos serão aqueles cuja vida tem sentido, não só para si mas também para os outros, aqueles cuja actividade é um sinal inscrito no seu tempo e num espaço mais ou menos amplo. E geralmente, na mesma medida em que são sinal e dão sentido, os homens significativos passam a não ter outra biografia do que seja a concretização e explanação desses sinal e sentido». E continuando, acrescentaria que para o caso a vida individual importa pouco; «importa, sim, a orientação e o magistério. Uma vida que é magistério: um magistério que é vida»¹.

Respondendo àqueles que, por vezes, o classificavam de intelectual, mais dado às especulações do espírito do que às soluções pastorais, o Senhor Dom António diria ao Clero, no encontro de homenagem de despedida, em 8 de Março de 1982: «Sabeis que se faz por aí e repete bastante uma pretensa distinção entre bispos pas-

torais e bispos intelectuais; e que me querem encaixar, a mim, num só destes caixotins. Mas se um bispo não é Pastor, que há-de ele ser»? E num apelo, que tinha a solenidade daquela hora de despedida e a sinceridade de um propósito procurado e conseguido, remataria: «...lembrai-vos sempre que o Pastor, como o Evangelho o mostra e a Igreja o quer, tem de ser também mestre da Fé e sacerdote da Graça. (De outra forma, cair-se-ia no laço da tendência, que hoje grassa demasiado, de falar de pastor e de pastoral no mero sentido da Reforma, neste ponto pseudo-Reforma)»².

Tem havido quem pretenda dissociar a Pastoral da Teologia, quer porque considere esta abstracta, desligada dos problemas da vida, quer porque deseje aquela voltada só para a acção, não importa sobre que fundamento. E tempos houve em que se distinguia para separar escolástica e evangelho, teologia especulativa e pregação, dogma e querigma. Pelos anos 30, os querigmáticos de Innsbruck tentaram até, mas sem êxito, elaborar uma teologia diferente da especulativa, a que chamaram «Verkündigungstheologie» ou teologia da pregação, como se pudesse haver duas teologias, uma centrada sobre o «bonum» e vista «sub ratione Christi» e a outra, sobre o «verum» e «sub ratione deitatis».

A verdade é que a autêntica teologia há-de ter uma projecção pastoral e não há uma correcta pastoral sem teologia, sob pena de a teologia poder degenerar em metafísica religiosa e a pastoral converter-se em preceituário de receitas. Os pastores têm de ser teólogos e os teólogos, pastores. O fundamento do Cristianismo é a Palavra de Deus, que é simultaneamente um acontecimento, uma acção espiritual e uma mensagem, uma interpretação doutrinal.

Na homilia da ordenação episcopal de um dos seus Bispos Auxiliares, D. Armindo Lopes Coelho, o Senhor D. António referia-se ao «ministério do magistério, próprio do Pastor, já que o Bispo é e deve ser, por si e pelos seus Auxiliares, o evangelizador por excelência ou por missão específica, portanto o 'primeiro catequista' da Diocese. O serviço teológico, que é o serviço do Evangelho eterno mas adaptado a cada tempo e a cada lugar, há-de ser o nosso primeiro serviço». E esta necessidade de adaptar o Evangelho e de o traduzir «na cultura de cada tempo e de cada categoria humana», considera-a o Senhor D. António, «o terrível problema, para cada tempo, e muito especialmente para este nosso!».

² Igreja Portucalense 67-68 (1982) 48

Nesta homilia, como em várias outras circunstâncias, referiu-se ao exemplo do P. Karl Rahner, que começou a sua produção propriamente teológica com a tese sobre «O Ouvinte da Palavra» e já no fim da sua carreira, «como síntese da sua reflexão e simultaneamente introdução à sua anterior Teologia», escreve um «Curso Fundamental sobre a Fé», em que o primeiro capítulo ou, como lhe chama, o primeiro «degrau» para se subir à Fé, é precisamente «O Ouvinte da Mensagem»³.

Porque é importante saber a quem é dirigida a Palavra de Deus. «...É fundamental, afirma o Senhor D. António, saber a quem se fala. Que cultura, que ideologia, que ambiência sociológica se vive entre os ouvintes e de que história espiritual se vem. Uma pregação, uma rádio-difusão ou uma teologia que se desinteressassem disso, à conta talvez de que pregamos verdades eternas ou de que aquilo que era verdade ontem também o é hoje e o será amanhã, tal serviço da palavra seria um mau serviço e podia mesmo tornar-se um contra-testemunho»⁴.

A teologia como a pregação não podem limitar-se a ser a transmissão de um saber já constituído, devem ir de encontro às necessidades concretas dos homens, confrontar-se com as diversas expressões do pensamento moderno, fazer uma reflexão crítica de todas as experiências vividas.

E a propósito, o Senhor D. António sublinha: «Ora a grande dificuldade, a grande aporia do tempo de hoje é precisamente esta: é que há realmente uma cultura moderna (sobre a qual eu não sou pessimista, não sou maniqueista) mas há uma cultura moderna voltada para o material, para o tecnológico, para o científico fisicalista». Essa cultura centrou «as atenções todas sobre o material, sobre aquilo que é mensurável, o que é quantificável; e portanto, deixando de lado o qualitativo, deixando de lado o que é particularmente humano e espiritual»... e que «faz com que os espíritos estejam fechados para a consideração do que é fundamental, para as ideias, para o conceito». Daqui a necessidade do «esforço do conceito» de que falava Hegel e com que Karl Rahner, na obra citada, começa as suas considerações sobre a Fé. «...Sem esse esforço do conceito não é possível chegar à Fé. Porque a Fé não é evidentemente uma ideia, mas

³ Igreja Portucalense 49 (1979) 9

⁴ Igreja Portucalense 50 (1979) 15

supõe toda a actividade interior do homem, da inteligência, da vontade e também do coração»⁵.

Numa sociedade tecnológica e funcional, a teologia como a pregação têm de inventar uma linguagem nova, susceptível de se abrir às exigências da ciência mas também de criticar os seus pressupostos e consequências, uma linguagem que se apoie sempre sobre os conceitos fundamentais da Revelação mas que procure actualizá-los para os tornar mais inteligíveis aqui e agora. E isto não se faz sem esforço e necessariamente por tentativas.

Muitas vezes se falou da linguagem difícil, quando não impenetrável, do Senhor D. António, que uns atribuíam à sua propensão para a especulação e outros até a um pretensiosismo despropositado. Na 1.^a Semana de Estudos Rurais, realizada em Fátima em Abril de 1957, ele sentiu mesmo necessidade de se defender: «Ao começar, eu devo purgar-me em saúde duma acusação que me tem sido liberalmente feita: que sou obscuro e confuso em quase tudo quanto digo. Às vezes pensa-se, creio, que o quero ser... Quando ensinava meninos — meninos que, dia a dia, o eram menos — eu dizia-lhes não me parecer que a minha missão fosse tornar-lhes fácil ou, pior, dar-lhes a impressão de ser fácil aquilo que em si é difícil, porque não é lícito mentir nem induzir em erro». E continuando, citou, a propósito e como que para desfazer a acusação e esclarecer a dificuldade, o testemunho de «alguém, cuja inteligência, cultura e critério são geralmente celebrados», o qual declarava «que sempre notara da minha parte um grande e por vezes doloroso esforço por tornar-me claro e fazer-me compreender»⁶.

Foi este «grande e doloroso esforço» que presidiu ao magistério do Senhor D. António, preocupado com pregar o Evangelho aos homens do nosso tempo, conciliar as respostas da Fé e as interrogações do mundo, a imagem essencial e a realidade histórico-existencial da actividade humana.

Dado o enorme aumento de conhecimentos e consequentemente dos problemas, é natural que os espíritos esclarecidos se interroguem. Quem procura acompanhar interessadamente os progressos científicos e técnicos dos nossos dias, não pode deixar de fazer perguntas sobre o sentido exacto e as últimas causas da sua visão do mundo. Conceitos e termos que durante séculos foram considerados como

⁵ Igreja Portucalense 51 (1979) 50-21

⁶ António Ferreira Gomes, *Endireitai as Veredas do Senhor!* Porto, 1970, pág. 207

instrumentos aptos para exprimir o mistério cristão manifestam-se agora inadequados e carecem de ser reformulados. A inteligência da Fé tem de ser repensada em função das novas correntes culturais, sociais e políticas.

Mas pode surgir a tentação de querer andar sempre na crista da onda, sacrificar o essencial ao acessório, valorizar a componente horizontal da mensagem cristã em detrimento da vertical, erigir categorias humanas, como o progresso, a política, a revolução, em critério de revelação. O Senhor D. António julgou ser seu dever denunciar, repetidas vezes, esta inversão de valores. Aludindo às «filosofias de salvação» que, após o 25 de Abril, encontravam eco em certos meios cristãos, lembra: «Desprezada a Teologia, desde o princípio do Renascimento, a Filosofia tomou para si essa missão (de pensar o mundo para o transformar) e multiplicou-se em 'filosofias de salvação', que são críticas do mundo para serem criadoras do mundo — 'penso, logo existo', e portanto existe o mundo, que eu penso e faço — portanto políticas e 'revolucionárias'. Nos últimos tempos — 'mirabile dictu' — vemos renascer a teologia por virtude da política. O dominicano Cardonnel proclama: 'não existe outra teologia senão a da luta de classes'»⁷.

É preciso dar prioridade à Revelação divina em Jesus Cristo: é ela que há-de esclarecer as situações que emergem do fluxo da história e fornecer as soluções globais para os problemas do homem, adaptando-se às formas existenciais e culturais do ambiente. Na Assembleia Geral do Conselho de Leigos, na vigília do Pentecostes de 1975, o Senhor D. António afirmava: «A Igreja, como o seu Fundador a quis, deve estar num tempo e num espaço: *estar e ser* com o homem desse tempo e desse espaço... Assim definidos, o ser e missão da Igreja exigem e impõem-lhe que ela se *invista* num tempo e numa cultura: como o seu Fundador ela tem de encarnar... Investir-se num tempo e numa cultura é para a Igreja, como o foi para o Verbo de Deus encarnado num povo e na plenitude dos tempos, limitar-se, condicionar-se, temporalizar-se. Investir-se num tempo e numa cultura é também vestir-se ou revestir-se deles. E todo o vestido se usa e se gasta...: por isso o facto de vestir-se importa a necessidade de seguir os ritmos temporais, de despojar-se a tempo e segundo o ritmo dos tempos, de desvestir-se do que já não serve ou não é aceite pelos novos tempos. Mas desvestir-se é sempre incó-

⁷ Igreja Portucalense 27 (1975) 17

modo; e pode mesmo tornar-se doloroso... O que mais nos importa notar é que nas múltiplas e sempre renovadas confusões deste vestir e desvestir de culturas e civilizações, há para a Igreja sempre renovadas questões de Fé. E qualquer cristão está sempre submetido à tentação de separar o inseparável, de meter em caixotins diferentes a sua fé e a sua política, à espera de misturar e confundir tudo, ou aliás de transformar o caixotim da sua fé em remoto sacrário, a que ninguém chega, nem ele próprio... Encarnada num tempo e numa determinada sociedade, a Igreja deve dirigir aos homens desse tempo e dessa sociedade o apelo permanente e sempre novo do Evangelho. Esse apelo, sendo chamamento à realização do reino de Deus em gérmen na história humana, não pode deixar de conter um juízo sobre o seu ponto de partida, sobre este mundo e seus valores, em confronto com as realidades essenciais da escatologia cristã»⁸.

Esta longa citação, bem esclarecedora do ser e da missão da Igreja, resume também o magistério e o ministério daquele que foi Bispo do Porto, de 1952 a 1982, e explica ainda porque se tornou um «homem significativo» para a Igreja e sociedade portuguesa.

Interessa-nos muito perceber, cada vez mais profundamente, e parafraseando as suas palavras, «em que medida (é) sinal e (dá) sentido». Outra coisa não pretendem os estudos que agora se publicam nesta Revista. Só resta desejar que outros mais surjam para uma mais completa compreensão desta fase da História da Igreja em Portugal.

J. GODINHO DE LIMA

⁸ *Ibidem*, 5-7

INTRODUÇÃO *

Nasceu em S. Martinho de Melhundos (Penafiel) a 10 de Maio de 1906. Acabou os estudos filosófico-teológicos em Roma para onde foi em 1925. É ordenado em 22 de Setembro de 1928. Assume o encargo de professor e vice-reitor do Seminário de Vilar até ser nomeado bispo de Rando a 15 de Janeiro de 1948. É como pastor que escreve tudo o que deixa impresso. Aos oitenta anos confessa essa orientação unicamente pastoral do conjunto da sua obra e da sua vida. Para o verificar bastaria esta lista que desejava fosse um elemento revelador da sua personalidade. Só escreveu obrigado pelas circunstâncias. Será difícil estudar sinteticamente o seu ideário porque não tem tratados sistemáticos. Interessante será desvendar nos seus escritos a correspondência das situações em evolução com a novidade de caminhos apontados para o futuro.

Siglas utilizadas:

AVP = *A Voz do Pastor*

Ecumenismo = *Ecumenismo e direitos do homem na tradição antiga portuguesa* (= Cadernos Telos 9), Porto, Telos, 1974.

Endireitai = *Endireitai as veredas do Senhor*, Porto, Figueirinhas, 1971

IM = *Igreja e Missão*

IP = *Igreja Portucalense*

Ministério sacerdotal = *Ministério sacerdotal e sua renovação. Considerações actuais dirigidas ao Clero e Igreja do Porto* (= Col. Re/ver 1), Porto, Telos, 1973

Paz da vitória = *Paz da vitória ou paz da justiça?* (= Cadernos Telos 4), Porto, Telos, 1973, 45 pp.

Paz em Portugal = *Paz em Portugal pela reconciliação entre os portugueses* (= Col. Re/ver 3), Porto, Telos, 1975, 159 p.

Rearmamento moral = *Rearmamento moral desmilitarização* (= Col. Re/ver 7) Porto Telos, 1976, 85 p.

VP = *Voz Portucalense*

* Colaboram na recolha destes dados a Equipa da Biblioteca do Seminário Maior do Porto, com destaque para Vicente António Nunes da Silva, José Manuel Garcia Cordeiro e Edmundo Manuel Pereira Soares.